MULHERES NEGRAS NA INTERNET: DISCUTINDO O RACISMO ALGORITMICO

CYNTIA BARBOSA OLIVEIRA[1]; MARCUS VINICIUS SPOLLE[2]
[1]*Universidade Federal de Pelotas – cyntiabaroli@gmail.com*
[2]*Univerisdade Federal de Pelotas – sociomarcus@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado por nós consiste em um recorte da pesquisa que vem sendo desenvolvido no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPel. Visando desenvolver uma reflexão que atente a construção de resistências por mulheres negras em um contexto social onde a conexão digital é parte integrante de parte significativa das relações de sociabilidade, de trabalho, atividades acadêmicas e ainda atua como possibilidade em momentos de lazer. Além disso, na construção da dissertação em curso temos como foco as produções de resistência por youtubers negras, pensando em como comunidades se formam, grupos se fortalecem, movimentos se organizam a partir de sociabilidades iniciadas através do YouTube.

Aqui, ao construirmos um recorte para esta apresentação, será exposta uma breve discussão teórica das mulheres negras na internet. Partimos, então, da pergunta: Como o racismo algorítmico atua sobre mulheres negras conectadas às redes? Vale ressaltar, que quando abordamos populações negras é importante considerarmos o racismo como elemento constitutivo das lógicas sociais a que estamos inseridos. Na internet não é diferente, por isso, aqui discutiremos o racismo algorítmico (SILVA, 2022) e os algoritmos como opressores (NOBLE, 2021) como conceitos necessários para aprofundarmos as discussões sobre mulheres negras e redes sociais.

O racismo algorítmico pode ser definido, segundo Tarcízio Silva, como “o modo pelo qual a disposição de tecnologias e imaginários sociotécnicos em um mundo moldado pela supremacia branca realiza a ordenação algorítmica de classificação social, recursos e violência em detrimento de grupos minorizados” (SILVA, 2022, p. 66). Ao passo que ao definir os algoritmos da opressão, Safiya Noble, explica que o conceito respeito a relação entre “falhas de dados guiadas por algoritmos específicos às pessoas não brancas e mulheres e sublinhar as formas estruturais pelas quais o racismo e o sexismo se tornaram fundamentais” (NOBLE, 2021, p. 23).

Observamos que as “falhas” no sistema, o encontro de conteúdos indevidos recai sempre a grupos específicos (NOBLE, 2021), além disso o racismo algorítmico atua como elemento que corrobora com a lógica dos racismos discursivos expressos na internet, exclui e/ou aloca conteúdos produzidos por pessoas negras as páginas finais de buscas (SILVA, 2022). A construção da ideia de que conteúdos em destaque nas páginas de busca ou ainda que aqueles em destaque quando buscamos assuntos específicos dentro de redes sociais são pautados exclusivamente em conteúdos mais buscados, mais acessados é passível de questionamentos, pois as lógicas da internet são pautadas, dentre outros objetivos, na geração de lucro, bem como na manutenção de poder de determinados grupos (NOBLE, 2021).

2. METODOLOGIA

A metodologia aqui aplicada consiste em uma abordagem qualitativa, partindo da construção de uma revisão de literatura (GIL, 2017) que versa sobre mulheres negras e as relações estabelecidas frente às novas sociabilidades online. É válido salientarmos que ao discutir questões relacionadas a raça e gênero, bem como uma gama de outros assuntos, consideramos importante atentar ao olhar interseccional a qualquer metodologia que seja aplicada. Ao direcionarmos o olhar a mulheres negras é necessário que compreendamos sua completude e não analisarmos as vivências e os dados a partir de pontos isolados. Dessa forma, como nos apontam Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021), a interseccionalidade consiste em considerar que mulheres negras estão sujeitas tanto as discriminações pautadas em raça, quanto em gênero - muitas vezes acompanhadas da de classe - e ainda em outros marcadores que possam acompanhá-las. Esses processos discriminatórios, esses marcadores que incidem sobre mulheres negras não são passíveis de olhares isolados, portanto, a necessidade do olhar interseccional.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A identificação é definida por Stuart Hall (2014) como um processo que nunca se conclui, como uma construção. Essa construção se altera ao longo do tempo de acordo com as culturas a que se é exposta, dessa maneira as transformações culturais e sociais que ocorrem ao redor do mundo influenciam naquilo que compõem as identificações de cada indivíduo.

Com a identificação enquanto mulher e negra não é diferente, pois a construção de movimentos políticos, ativistas e de resistências acontecem ao mesmo passo que a sociedade se modifica. Deborah Pereira e Ana Paula Thé (2019) exploram justamente a utilização das mídias digitais, em especial o Twitter, como instrumento utilizado para a organização dos primeiros movimentos em prol da aceitação, utilização e valorização dos cabelos crespos e cacheados. Movimentos como esse passaram a se estruturar através de comunidades online, transferindo-se para as ruas e transformando a forma como pessoas negras, em especial mulheres, lidam com seus cabelos, construindo possibilidades estéticas que respeitam os traços naturais da negritude.

Em contraponto, analisar as dinâmicas presentes nas redes sociais, e na internet de maneira geral, a partir de uma ótica crítica se faz necessário aqui. Se tratando de mulheres negras, Luz Valério Trindade (2022) expõe que elas são as maiores vítimas de discursos de ódio nas redes sociais, um dos fatores apontados é a possibilidade de que a falta de legislações específicas voltadas aos crimes cometidos na internet, em consonância com possibilidades de ocultação da verdadeira identidade a partir da criação de perfis falsos corroborem para que discursos racistas, bem como outras formas de agressão, sejam expressas abertamente nos ambientes online (TRINDADE, 2022).

“Desigualdades estruturais da sociedade estão sendo reproduzidas na internet, e a luta por um espaço cibernético sem raça, gênero e classe pode apenas ‘perpetuar e reforçar os atuais sistemas de dominação’”(NOBLE, 2021, p. 113 - 114). Desse modo, mesmo que a internet seja mobilizada como um instrumento para que práticas de resistência e organizações coletivas de movimentos e marchas negras (PEREIRA e THÉ, 2019) sejam colocadas em prática, é necessário observar quem as produções e a organização da internet tem como foco. Safiya Noble explora tal questão ao analisar como o Google fomenta e lucra com o racismo online, e nos elucida que

> O neoliberalismo emergiu e atuou como um arcabouço para o desenvolvimento de políticas socioeconômicas que atendem os interesses de elites, enquanto simultaneamente moldam uma nova visão de mundo: uma ideologia de liberdades individuais que põe a frente criatividade pessoal, contribuição e participação, como se essas interações não fossem interconectadas com práticas de trabalho mais amplas envolvendo exclusão sistêmica e estrutural (NOBLE, 2021, p.124).

Partindo dessa lógica e retomando ainda os expostos por Sueli Carneiro (2023), o racismo atua como uma estratégia voltada a conceder naturalidade a processos de manutenção de privilégios voltados a determinados grupos, nesse caso os brancos. Nessa mesma linha, inspirada nas ideias expostas por Charles W. Mills[1], a autora afirma ainda que o racismo opera como um sistema estruturador das normas formais e informais de distribuição de renda, benefícios e desvantagens sociais, entre outros pontos. Assim, retomando a discussão sobre novas sociabilidades, Faustino e Lippold (2023) vão afirmar que as

> transformações tecnológicas apresentam-se como ameaça, não (apenas) por o serem, *em si*, mas por terem sido projetadas, produzidas e empregadas sob e em função de relações sociais (capitalistas) ameaçadoras, que ficam ocultas quando não se supera o fetiche da tecnologia (FAUSTINO e LIPPOLD, 2023, p. 45, grifo do autor).

Por fetiche da tecnologia os autores denominam as crenças de que a tecnologia, bem como o desenvolvimento de forças de produção, acontecem de maneira neutra e linear, sempre em direção ao evolução e visando condições melhores a sociedade de maneira geral (FAUSTINO e LIPPOLD, 2023). Tomando essa concepção como um fetiche e diante da percepção de que os resultados encontrados nos sites de busca e/ou redes sociais não estão unicamente atrelados aos conteúdos mais procurados e com maior número de cliques, voltaremos nossa atenção novamente às mulheres negras.

Mulheres negras compõem uma parcela da população exposta às questões relativas a racismo, sexismo e exploração de classe, eventualmente adicionam-se ainda outros marcadores (COLLINS e BILGE, 2021). Esses marcadores as acompanham ao longo de sua trajetória e frente às novas sociabilidades, migram para os espaços online, expressando a importância de que

> pessoas, particularmente as marginalizadas - como mulheres e meninas e pessoas não brancas -, serem críticas de resultados que se propõem a representá-las nos primeiros dez ou vinte resultados de um mecanismo de busca comercial. Essas pessoas não têm o capital econômico, político e social para suportar as consequências da má representatividade. [...] pessoas marginalizadas e oprimidas estão vinculadas ao status de seu grupo e é menos provável que lhes sejam concedidos um status individual e proteção contra as experiências dos grupos com os quais se identificam (NOBLE, 2021, p.54 - 55).

Desse modo, percebe-se que a internet tem como intuito ser unstrumeno de reprodução de novas mídias e possibilidades ne sociabilidade, entretanto detem como objetivo final a geração de lucro e manutenção de poder por grupos hegemônicos, levando mulheres negras conectadas a rede a encontrarem

[1] O livro ao qual a autora embasa parte de suas construções teóricas é *O contrato racial*, de Charles W. Mills.

discursos semelhantes, iguais ou até com maior nível de discriminação que aqueles a que são submetidas fora da internet.

4. CONCLUSÕES

Até o momento, podemos apontar que o aceleramento da utilização da internet como elemento de lazer, estudo, trabalho e informação apresentou-se enquanto elemento neutro, expansor de possibilidade e espaço de convívio democrático. Entretanto ao observarmos as lógicas dispostas e o funcionamento de algoritmos podemos constatar que existe um direcionamento específico e um público que é privilegiado em detrimento de outro, pois tanto a produção de conteúdo quanto o espaço de publicização é reservado a grupos hegemônicos, tal como ocorre fora das redes sociais.

Trazendo à tona a percepção de que na internet padrões de comportamento se reproduzem, apontamos mulheres negras estão sujeitas ao racismo, sexismo, exploração de classe e ainda outras maneiras de discriminação. Assim, ao mesmo passo que as redes sociais assumem papel relevante como mobilizador de resistências, organização de eventos e marchas valorizando a cultara e os traços negros, atua também como elemento de opressão, segregação e discriminações. Os algoritmos não são neutros, pois demandam programações, comandos e aplicação de correções eventuais. Necessidades que são supridas pela classe hegemônica, que pouca ou nenhuma atenção detém as reivindicações realizadas por grupos marginalizados.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser.** Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade.** São Paulo: Boitempo, 2021.

FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. **Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana.** São Paulo: Boitempo, 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2017.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu de (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2014. Cap. 3, p. 103 - 133.

NOBLE, Safiya. **Algoritmos da opressão: como o Google fomenta e lucra com o racismo.** Santo André: Rua do Sabão, 2021.

PEREIRA, Deborah Dias; THÉ, Ana Paula Gilfskói. A construção da identidade negra via movimento social: “marcha dos cabelos crespos” enquanto estratégia de enfrentamento do racismo. **Confluências - Revista interdisciplinar de sociologia e direito**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 169 - 183, 2019.

SILVA, Tarcízio. **Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais.** São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2022.

TRINDADE, Luiz Valério. **Discurso de ódio nas redes sociais.** São Paulo: Jandaíra, 2022.